



## O ORIENTE MÉDIO E O ESTADO ISLÂMICO

---

### A primavera árabe

Após a Segunda Guerra Mundial houve vários países do Oriente Médio que passaram a ser governados por ditaduras laicas e nacionalistas, muitas vezes próxima das influências de países socialistas, que financiavam e apoiavam financeiramente esses Estados. Nesses estados ao estado reprimia tanto as democracias quanto

No entanto, a virada do séc. XXI representou uma alteração na forma de organização de governos que por década se mantiveram em situações autoritárias, tendo como elemento a população descontente como protagonista de manifestações. O primeiro caso ocorreu na Tunísia, que contribuiu para derrubar 23 anos de ditadura, após um vendedor ambulante ter cometido um ato de autoimolação quando ateou fogo ao próprio corpo.

Esse estopim desencadeou uma onda de movimentos revolucionários que foram sentido em grande parte dos países de origem árabe localizados no Norte da África e no Oriente Médio, derrubando outros governos que por décadas representaram o enrijecimento de sistemas políticos, por ora pró-ocidente, por ora aliados aos antigos soviéticos.

Dentro desse contexto de protestos e manifestações a Síria é o país que hoje se caracteriza pelo estado de uma Guerra Civil em curso desde final de 2011. O conflito coloca de um lado tropas aliadas ao governo de Bashar al-Assad, presidente do país a 10 anos e sucessor de seu pai que foi presidente do país em períodos de repressão. No outro lado, exércitos extremistas baseados no fundamentalismo islâmico, que busca pautar-se na religiosidade como elemento de justificativa de um Estado totalitário.

Dos grupos que mais se destacam no fundamentalismo islâmico, o EI, Estado Islâmico, é o grupo terrorista atualmente mais temido do mundo. Lembrados pela crueldade e barbaridade com que lidam com prisioneiros e pelos métodos de execução, é a mais bem articulada forma de organização em táticas de guerrilha e atentados do Oriente Médio. Atualmente dominam grande parte do Iraque e da Síria e já instituíram territórios em que se consideram um governo independente que se sustenta a partir de cobrança de impostos, controles de áreas de exploração de petróleo e energia.

Existe um grande temor de que além dos atentados terroristas assumidos pela organização, aja também recrutamento de jovens europeus que idealizam o espírito fundamentalista e que provoquem atentados em seus países de origem. Depois de



recrutados retornam aos seus países quase sem levantar suspeitas e provocam temor que possam usar de táticas como as do Estado Islâmico.

De fato o que buscam é determinar a criação de um Estado no Oriente Médio e despolitizar a influência do Ocidente e da religião cristã sobre o fundamentalismo, o que justificaria as ondas de terror que passam sobre a Europa em formas de atentado.

Nos primórdios de fundamentação do grupo, o EI como é conhecido, se baseava nas táticas de guerra e se constituía como um grupo armado da Al-Qaeda, o grupo originário do Iraque que ficou mundialmente conhecido pela autoria dos atentados do 11 de setembro. Após terem rompido relações e divergido de alguns ideais, em 2013 o EI se juntou a um grupo jihadista sírio, criando o ISIS, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante, sigla em inglês que faz alusão a um dos grupos de libertação do exército Sírio. Na maior parte das ideologias jihadistas há uma extrema inconformidade com os valores ocidentais e, portanto, defendem a necessidade de retomada aos valores disseminados pelo Islã da época de Maomé. De acordo com esses ideais, o Estado deve se basear num código jurídico estabelecido no Alcorão pela Sharia. Consideram acima de tudo dever de qualquer muçulmano a guerra santa e o recurso armado para conquistar seus objetivos de purificação do Islã. É nesse aspecto que, deve-se evidenciar que o árabe na sua maioria professa o Islamismo, enquanto que árabe é a etnia e a religião muçulmana que é professada no Islamismo. Nem todo árabe é muçulmano, já que existem árabes cristãos na Ásia.

Vale ressaltar que a atuação do Estado Islâmico não é reconhecida por grande parte dos países do Oriente Médio como Líbano, Jordânia, Irã, Arábia Saudita. A busca pela representação e constituição de um califado é um esforço de basear uma monarquia religiosa sob o símbolo do EI. Esse radicalismo religioso é visto com desconfiança pelos setores mais moderados da religiosidade islâmica. A preocupação maior está nos militantes radicalizados que possam cometer atentados nos mais de 50 países onde se encontram adeptos do radicalismo, que são críticos dos EUA e tudo que representa o sistema capitalista moderno. Há interesse por parte de agências de inteligência investigar e elucidar novas informações sobre cidadãos envolvidos na jihad, o que implica o fechamento de fronteiras e legislações mais rígidas para casos como esse.

Após uma série de execuções de reféns capturados pelo EI e de suas respectivas imagens divulgadas em veículos de comunicação ocidentais, o Presidente norte-americano Barack Obama liderou uma ofensiva com adesão de mais 30 países, inclusive a Europa, para frear o alcance de repercussões do EI em todo o mundo. Bases foram atacadas e resultaram já em mais de 10 mil baixas de jihadistas. Membros do EI já detêm pelo menos 25% do território do Iraque, onde atuam



aproximadamente 2000 soldados americanos. A Ofensiva marca um retorno depois de 3 anos de retiradas totalmente as tropas do exército após a ofensiva que derrubou Saddam Hussein em 2003.

## Outros temas importantes:

### Ban Ki-moon condena novos disparos do Hamas contra Israel

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/08/ban-ki-moon-condena-novos-disparos-do-hamas-contra-israel.html>

<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/crise-internacional/israel-chama-brasil-de-anao-diplomatico-e-esta-certo/>

'Um prolongamento do cessar-fogo é absolutamente essencial', afirma.

Quem é Ban Ki-Moon?

Secretário geral da ONU se declara extremamente decepcionado com retaliação de Israel a atentados cometidos por extremistas da Faixa de Gaza.

Em junho de 2014, iniciou-se o 3º tipo de conflito armado entre o Estado de Israel (reconhecido e legitimado pela ONU) e o estreito de terra tomado por palestinos do HAMAS na Faixa de Gaza. A região tem pouco mais de 1,5 milhão de pessoas, na maioria refugiados de origem árabe ou palestina (de origem sunita como na Síria) que se concentraram na região após a guerra pela criação de um Estado judaico em 1948 (ISRAEL).

### Estopim (2014)

O estopim dos bombardeios entre o Estado de Israel e a região da Faixa de Gaza (dominada desde 2007 pelo Hamas, que não é um ESTADO pois Israel se opõe a legitimação dos territórios) teve início com a morte de 3 adolescentes ISRAELENSES na Cisjordânia.

Em retaliação, um jovem palestino foi queimado vivo em Jerusalém.

Números

1800 palestinos mortos

67 israelenses (3 civis)



2014, Sequestro de adolescentes israelenses motivou início de operação. Combates são os mais sérios entre Israel e palestinos desde 2012.

Como o Hamas assumiu o controle da Faixa de Gaza?

"A Faixa de Gaza foi tomada por Israel na Guerra dos Seis Dias, em 1967, e entregue aos palestinos em 2005 – embora boa parte das fronteiras e territórios aéreos e marítimos ainda sejam controlados pelos israelenses. Em 2007, o grupo Hamas – considerado terrorista por Israel – venceu as eleições parlamentares palestinas, fato não reconhecido pelo opositor Fatah. O racha na administração fez com que o Hamas controlasse a Faixa de Gaza, e o Fatah ficasse a cargo da Cisjordânia. Desde então, Israel e o Hamas não dialogam". (FONTE G1)

